

Nesta edição:

**Indicadores rurais:**

Bovinos de corte	1
Outras categorias	2
Nutrição animal	2
Relações de troca	2
Insumos agropecuários	2
Texto técnico <sup>1</sup>	3
Noite da pecuária	4
Texto Técnico <sup>2</sup>	5
Medicamentos	7
Texto técnico <sup>3</sup>	8

O Boletim da Pecuária é um projeto de extensão rural desenvolvido pelo CTPEC – Centro de Tecnologia em Pecuária, que conta com professores, alunos de graduação e pós-graduação e colaboradores externos.

Coordenação Técnica:  
Prof. Ricardo Pedroso Oaigen

Acadêmicos envolvidos:

Eduardo Dal Santo  
Guilherme Bertodo  
Nathália Locateli Leal  
Maria Antonyela Carvalho  
Mikaela Bandeira

Apoio institucional:  
Associação e Sindicato Rural  
de Uruguiana.

Para críticas e/ou sugestões,  
entre em contato:

Telefone  
(55) 9609-7081

E-mail  
ctpec@unipampa.edu.br  
ctpec@hotmail.com

Contamos com a sua  
colaboração!

22ª Edição – Abril de 2016

## INFORMAÇÃO DE QUALIDADE PARA O PRODUTOR RURAL DA FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL

O Boletim da Pecuária tem por objetivo proporcionar aos produtores rurais de Uruguiana (RS) e região um informativo mensal com dados de mercado e informações para orientá-los no suporte à toma de decisão.

### INDICADORES RURAIS – BOVINOCULTURA DE CORTE

	Unidade	Preço 30 Dias (R\$)	Dólar <sup>1</sup> (US\$)
Boi Gordo	Kg Vivo	5,30	1,45
	Carcaça	10,95	3,00
Terneiro	Kg Vivo	6,10	1,67
Novilho sobreano	Kg Vivo	5,45	1,49
Novilha sobreano	Kg Vivo	5,15	1,41
Vaca Gorda	Kg Vivo	4,65	1,27
	Carcaça	10,70	2,93
Vaca de Invernar	Kg Vivo	4,30	1,17

Coleta de preços realizada no dia 30 de março de 2016 diretamente com corretores e pecuaristas. Os valores correspondem a média dos preços no mercado. <sup>1</sup> Um (1) Dólar americano = R\$ 3,65 (Banco Central do Brasil em 30/03/2016).

### VALORES DA CARNE NO VAREJO (R\$) - 2015

CORTES BOVINOS	Local 1	Local 2	Local 3	Local 4	Local 5	Local 6	Média
Costela	14,88	13,98	15,98	28,00	25,90	18,95	19,61
Vazio	19,90	19,99	19,80	26,30	30,90	23,90	23,46
Picanha	36,00	41,99	33,98	49,90	44,90	35,95	40,45
Linguiça	11,88	14,99	14,98	20,00	16,90	16,90	15,94
Carne Moída 1 <sup>a</sup>	24,00	20,99	21,00	24,50	25,90	21,95	23,05
Carne Moída 2 <sup>a</sup>	18,00	10,75	10,50	10,00	12,90	14,95	12,85
Coxão Mole	24,88	22,49	22,85	34,60	28,90	25,90	20,60
Coxão Duro	20,88	19,89	19,90	27,50	25,90	21,95	22,67
Patinho	23,18	21,79	21,80	28,00	25,50	21,95	23,70
Alcatra	32,98	27,99	25,98	37,90	31,90	25,95	30,45
CORTES OVINOS							
Paleta		26,69	23,50			23,90	24,69
Costela	20,48	19,99	25,50			23,90	22,46
Quarto			19,80			23,90	21,85
Espinhaço			19,80			23,90	21,85

Coleta de preços realizada nos dias 26 e 27 de março de 2016 com mercados e casas de carnes de Uruguiana.

**INDICADORES RURAIS – OUTRAS CATEGORIAS**

OVINOS	Unidade	Preço (R\$)	Dólar (US\$)
Cordeiro	Kg Vivo	5,10	1,39
Ovelha	Kg Vivo	4,40	1,20
Lã Merino	Kg	17,50	4,79
Lã Prima A	Kg	14,65	4,01
Lã Prima B	Kg	12,75	3,49
Lã Cruza 1	Kg	9,00	2,46
Lã Cruza 2	Kg	8,50	2,32
Lã Cruza Branco	Kg	5,00	1,36
Lã Cruza Preto	Kg	4,00	1,09
<b>BOVINOS DE LEITE</b>			
Leite	Litro	0,99	0,27

Coleta de preços realizada no dia 30 de março de 2016 diretamente com corretores e pecuaristas. Cotação do dólar americano = R\$3,65 em 30/03/2016

**RELAÇÕES DE TROCA**

	Preço (R\$)
Boi Gordo <sup>2</sup> x Terneiro <sup>3</sup>	2,29
Boi Gordo <sup>2</sup> x Kg Sal Mineral (65 P)	1.204
Boi Gordo <sup>2</sup> x ml Antibiótico (Oxitetraciclina)	14.906
Boi Gordo <sup>2</sup> x Salário Mínimo Nacional	2,71
Boi Gordo <sup>2</sup> x Kg Ração (18% PB)	1.971

<sup>2</sup> Boi de 450 Kg de Peso Vivo = R\$ 2.385,000 (R\$ 5,30/Kg);

<sup>3</sup> Terneiro desmamado, de 7-8 meses, 170 Kg = R\$ 1.037,00 (R\$ 6,10/Kg);

**PASTAGENS DA ESTAÇÃO**

	Unidade	Preço (R\$)
Azevém	Kg	6,00
Aveia	Kg	1,80
Capim Sudão	Kg	5,10

**NUTRIÇÃO ANIMAL**

	Unidade	Preço (R\$)
Sal Mineral – 40 P	Kg	1,84
Sal Mineral – 65 P	Kg	1,98
Sal Mineral – 80 P	Kg	2,06
Sal Proteinado – 35 PB	Kg	2,10
Sal Proteinado – 45 PB	Kg	2,62
Ração Desmame de terneiros – 18% PB	Kg	1,21
Ração Manutenção – 12% PB	Kg	1,00
Ração Terminação – 14% PB	Kg	1,00
Ração Equinos	Kg	1,15

**INSUMOS AGROPECUÁRIOS**

	Unidade	Preço (R\$)
Adubo NPK – 8:20:20	Ton	-
Adubo NPK – 5:20:20	Ton	-
Adubo MAP	Ton	-
Adubo DAP	Ton	-
Dessecante Glifosato	Litro	18,80
Dessecante 24D	Litro	-
Uréia – 45:0:0	Ton	-
Brincos de Identificação – Bovinos	Un	3,1
Brincos de Identificação – Ovinos	Un	1,40
Calcário	Ton	-
Isolador (Cerca Elétrica) – Tipo E	Un	0,94
Arame Liso	M	0,27
Óleo Diesel	L	3,45

Coleta de dados realizada no dia 24/03/2016 em estabelecimentos comerciais agropecuários do município de Uruguaiana-RS.

## **Brucelose Bovina: Prevenção necessária para minimizar prejuízos**

A brucelose é uma doença infecto-contagiosa crônica, causada por bactérias gram-negativas do gênero *Brucella spp.* É uma zoonose (transmissível ao homem) que interfere diretamente na produção e reprodução animal, assim como nos aspectos sócio econômicos, levando a consequências no comércio de animais, assim como de carne, leite e produtos lácteos. Em bovinos é causada por uma bactéria chamada *Brucella abortus*, responsável por um grande número de abortos em vacas em gestação.

A enfermidade assola o país há muito tempo. Em 1944, foram tomadas medidas para controlar a brucelose no país, como: criação de lei que estabelecia a identificação dos animais vacinados, planos de combate e controle de trânsito interno de animais. Em 2001, foi criado o Programa Nacional de Controle e Erradicação de Brucelose e Tuberculose (PNCEBT) vigente até os dias de hoje.

A brucelose é uma zoonose de grande importância econômica, pois tem difícil diagnóstico e controle. Portanto, o foco precisa ser a prevenção. Um dos principais efeitos da enfermidade são as alterações nos índices reprodutivos, com altas taxas de abortos, aumento do intervalo entre partos e morte de bezerros, o que representa perda de até 15% na produção de bezerros. Outro ponto que impacta diretamente na economia do pecuarista é a queda de produção (leite e carne), chegando a perdas de 25%.

Essas bactérias são sensíveis aos desinfetantes comuns, porém conseguem permanecer longo tempo no ambiente em condições favoráveis por quatro meses no leite, urina, água e solos úmidos; ou até 8 meses em esterco a baixas temperaturas. Além disso, podem sobreviver por até 2 anos no ambiente, principalmente em material de aborto ou parto nas pastagens, cadáveres e material orgânico, o que dificulta ainda mais o controle após a instalação da doença no rebanho. Para que seja determinante a destruição da bactéria, o leite para consumo deve ser pasteurizado, evitando ocorrência de contaminação de pessoas que possam consumi-lo.

Quando contraída por humanos, a brucelose apresenta difícil diagnóstico, devido aos sinais clínicos inespecíficos, como febre, cefaleia, dores musculares e articulares, e sudorese, semelhantes à gripe. Frequentemente, a contaminação pode ocorrer em funcionários que lidam com os animais e médicos veterinários, que se contaminam a partir do contato com mucosas ou soluções de continuidade com o agente, ou até por meio de acidentes com as vacinas.



O tratamento com antibióticos durante a fase aguda da doença é efetivo, mas nos casos crônicos é pouco eficaz. Bovinos, bubalinos, ovinos, caprinos, suínos, equinos e, inclusive, cães são susceptíveis e também constantes fontes de infecção, pois eliminam o agente em fetos abortados, descargas vaginais, sêmen, colostro, fezes, urina e leite, apresentando transmissão horizontal (de vaca para outra vaca) e vertical (de vaca para bezerro).

O trânsito constante de animais, densidade populacional, introdução de novos animais no rebanho e controle através da vacinação são pontos importantes que influenciam na manutenção e disseminação da brucelose nos rebanhos.

As fêmeas contaminadas eliminam durante o parto ou após o aborto, altas cargas bacterianas através de descargas vaginais, placenta e anexos, contaminando as pastagens. Geralmente, os abortos ocorrem no terço final da gestação, pois a infecção deixa de ser latente e as endotoxinas liberadas lesionam a placenta, prejudicam a circulação e causam necrose dos cotilédones, desencadeando o abortamento por descolamento da placenta.

O diagnóstico da brucelose bovina é realizado com o objetivo de identificar os animais infectados que disseminam a enfermidade, baixando a prevalência e incidência de novos casos de brucelose.

Toda suspeita começa com o aparecimento de sinais clínicos no rebanho, como aumento na incidência de abortos. Os sinais clínicos precisam ser confirmados por testes bacteriológicos com isolamento do agente ou detecção de anticorpos específicos. O Programa Nacional de Controle e Erradicação de brucelose e tuberculose (PNCEBT) definiu procedimentos específicos para o controle e erradicação da enfermidade.

O controle da brucelose se resume principalmente à vacinação das fêmeas entre 3 a 8 meses de idade, diagnóstico e sacrifício dos animais positivos no rebanho. As medidas complementares de higiene também são importantes, diminuindo o nível de desafio aos animais, como controle de trânsito para os animais de reprodução e piquetes separados para parição. Fetos, restos de aborto e placenta devem ser retirados do pasto, desinfecção de instalações, monitoramento sorológico do rebanho e sacrifício de animais reativos. Se novos animais forem comprados, é necessário exigir o atestado negativo e procurar propriedades livres da doença, pois ainda podem estar com a bactéria em período de incubação e não ser detectado nos testes.

São utilizadas vacinas vivas atenuadas para controle de brucelose como a vacina com cepa *Brucella abortus* B19.

A Merial apresenta a vacina, Anabortina® B-19, vacina viva atenuada liofilizada com a cepa B-19, destinada à prevenção da brucelose. Deve ser aplicada em bezerras entre 3 e 8 meses de idade, por via subcutânea na região da “tábua do pescoço”. A dosagem de 2mL/animal contém, pelo menos, 40 milhões de *Brucella abortus* B19, apresentando alta eficácia no campo, facilidade de aplicação, proteção para os animais e tranquilidade para o produtor.

## Apoie a Noite da Pecuária

Possuímos os seguintes insumos para venda a preço de custo:

Ivermectina injetável 1%	42 litros
Sal mineral (80g de fósforo)	20 sacas
Sal proteinado	27 sacas

OBS.: estes insumos são cotas de patrocínio que o evento recebe para comercialização.

Maiores informações:

ctpec@hotmail.com

(55) 9969-2982

**Agradecemos o apoio!**

## NOITE DA PECUÁRIA 2016

No dia 07 de março de 2016 ocorreu em Uruguaiana a 22ª edição da Noite da Pecuária, dando abertura a programação anual do evento que ocorre mensalmente na primeira segunda feira de cada mês às 19 horas no Salão Nobre do Parque Agrícola Pastoril. Nesta edição, o Profº Carlos Nabinger da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul palestrou sobre MANEJO E POTENCIALIDADES DO CAMPO NATIVO DO BIOMA PAMPA.

A palestra abordou as interrelações entre os componentes bióticos e abióticos e sua importância na manutenção do equilíbrio ambiental visando o aumento da produção de alimentos seguros para a população mundial que cresce continuamente. Profº Nabinger enfatizou a importância da sustentabilidade e a necessidade de suplantiar os problemas causados pela produção de alimentos (agrícolas e pecuários) interligando a utilização das pastagens para a minimização desta problemática, fazendo necessário para que as tecnologias sejam utilizadas de maneira sustentável e consciente, relacionando solo x clima x plantas x animais.

Posteriormente, foram apresentadas algumas tecnologias de processos para o manejo das pastagens, como: controle da desfolha (oferta de forragem), diferimento (exclusão temporária do pastejo) e modulação da estrutura do pasto. Dando sequência a estes processos o palestrante apresentou algumas alternativas de tecnologias de insumos, como: suplementação estratégica, limpeza do campo, fertilização, sobressemeadura e irrigação. Após foram apresentados alguns exemplos de aplicação destes conceitos em pastagens nativas e cultivadas no sul do Brasil.

No decorrer da palestra o Professor apresentou assuntos como: biodiversidade do Bioma Pampa, a necessidade de fazer o manejo de carga correto e utilizar a diversidade florística para agregar valor ao produto animal via qualidade da dieta propiciada pelos campos nativos.

Por fim, o Profº Carlos Nabinger ressaltou que a pecuária de corte e leite são atividades agrícolas indispensáveis na alimentação humana e ela pode ser altamente sustentável (em todas as qualificações do termo), à condição de ser baseada fundamentalmente a pasto.

Registro fotográfico:







## **A importância do diagnóstico precoce de prenhez e a identificação de fêmeas bovinas de acordo com o desempenho reprodutivo**

Autores: Guilherme de Medeiros Bastos<sup>1</sup>; Pedro Auzani<sup>2</sup> e Pedro Jorge Lopes Murad<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Professor do Curso de Medicina Veterinária da Unipampa – Campus Uruguaiana/RS; Coordenador do Laboratório de Reprodução e Obstetrícia Veterinária – Repropampa.

<sup>2</sup>Aluno de Graduação em Medicina Veterinária da Unipampa – Campus Uruguaiana/RS.

O diagnóstico de prenhez em fêmeas bovinas, popularmente conhecido como “toque”, é uma importante etapa do manejo reprodutivo do rebanho de cria. Ele é realizado exclusivamente pelo médico veterinário e com precisão a partir dos 40 dias de prenhez para os experientes, mas normalmente é praticado 60 dias a contar da retirada dos touros do rodeio. No Brasil, a partir dos anos 90 a ultrassonografia ganhou espaço para este fim e atualmente é largamente adotada pelos veterinários, com a vantagem do diagnóstico ainda mais precoce (a partir dos 28 dias de prenhez) e preciso, proporcionando maior segurança para os inexperientes, além de permitir a avaliação da viabilidade embrionária e auxiliar na detecção de anormalidades como morte embrionária, infecção uterina, presença de cisto folicular nos ovários, etc. Com a ultrassonografia é possível, ainda, determinar o sexo do feto (entre 55 e 90 dias de prenhez), prática esta vantajosa na bovinocultura leiteira.

Ditos populares que atribuem ao toque e/ou ultrassonografia precoces a morte embrionária e retorno ao cio dos animais. Embora isso seja possível, é pouco provável e não tem sido constatado (nas atividades profissionais dos autores) quando o manejo na mangueira e o ato do exame são realizados de forma serena. Os autores realizaram diagnóstico precoce de prenhez aos 30 dias pós IATF, nesta temporada, em 122 novilhas e repetiram a ultrassonografia nas fêmeas prenhes aos 70 dias de gestação, momento em que todas tiveram a prenhez confirmada.

O fato de alguma fêmea bovina ter sido diagnosticada como prenhe e não parir pode, eventualmente, ser em consequência de erro no diagnóstico veterinário, entretanto, no caso dos experientes, este equívoco é muito pouco provável, decorrendo, geralmente, de perdas gestacionais (que não devem ultrapassar 5%) ocasionadas por carência nutricional, manejo inadequado com vacinas e vermífugos, negligência quanto ao bem-estar animal durante os manejos em mangueira, agentes causadores de doenças reprodutivas, dentre outros, assim como ocorre nas demais espécies e até mesmo na perda gestacional espontânea da mulher.

A prática do diagnóstico de prenhez por si só, mesmo que adotada tardiamente após o entoure, já é vantajosa para o pecuarista, pois possibilita tomar decisões quanto ao manejo e destino das vacas prenhes e falhadas. Entretanto, ela deve ser encarada de acordo com a sua real relevância no contexto do manejo reprodutivo e da gestão do rebanho. Por exemplo, é fundamental anotar e/ou identificar as vacas prenhes no início, no meio e ao término da temporada reprodutiva, a qual não deveria exceder 90 dias.

Uma alternativa, bastante adotada na Argentina, é a numeração a fogo (no lombo das vacas; Figura 01), no momento do toque, a fim de identificar cada uma delas como prenhe no primeiro (número 1), segundo (número 2) ou terceiro (número 3) mês do entoure ou, ainda, se resultou falhada (número 0).



Figura 01: Numeração a fogo na região lombar de vacas prenhes de acordo com o mês da concepção, onde 1 refere-se a vaca prenhe no primeiro mês da temporada reprodutiva, 2 no segundo e 3 no terceiro, respectivamente, e o número 0 refere-se a vaca falhada (fotos gentilmente cedidas pelo Zootecnista Márcio Borin; Estância Princípio – Barra do Quaraí/RS).

Com isso, ao longo dos anos, independentemente das anotações em planilhas e software específicos, ao se observar cada animal no campo, é possível conhecer o seu desempenho reprodutivo de acordo com a numeração que a identifica no lombo.

Além disso, será possível formar os lotes de parição, priorizando piquetes de pastagem cultivada e/ou mais próximos da sede (facilitar a observação diária) para os ventres com maior proximidade do parto. Da mesma forma, a referida identificação permitirá apartar, no campo, as vacas que irão compor o primeiro, segundo e terceiro lotes de IATF na temporada reprodutiva subsequente ao parto e organizar a re-sincronização e nova IATF, se for o caso, antes do repasse com os touros.

Tudo isso possibilita o conhecimento do histograma de parição dos rodeios de cria, ou seja, a distribuição dos partos em cada rodeio e categoria que o compõe (novilhas, primíparas e vacas múltíparas). O desejável seria que aproximadamente 70% dos ventres resultasse prenhe no primeiro mês, 20% no segundo e 10% no terceiro mês da temporada reprodutiva.

Os ventres que emprenham mais tardiamente, especialmente no último mês de reprodução, são aqueles que terão maior dificuldade em repetir a prenhez na próxima temporada reprodutiva. Atenção especial, do ponto de vista nutricional, principalmente, deve ser dada para a categoria de primíparas, a fim de se maximizar as chances de nova prenhez enquanto amamentam seu primeiro terneiro.

Cabe salientar, ainda, a importância de ser “medir” o resultado de prenhez (por ultrassonografia) entre 30 e 40 dias pós-IATF, a fim de se conhecer, com exatidão, o resultado desta técnica naquele lote específico, repetindo-se a mesma prática para os demais lotes. Isso porque muitos pecuaristas iniciam o repasse com touros imediatamente após ou poucos dias de finalizada a IATF, e somente contratam o veterinário para o diagnóstico de prenhez algum tempo após a retirada dos touros dos rodeios, o que resulta numa “falsa impressão” de que a IATF foi responsável pela maior parte das gestações obtidas no rebanho.

Neste contexto, faz-se importante ressaltar que o tempo médio de prenhez de uma vaca zebuína (*Bos indicus*) é de 292 dias e de uma taurina (*Bos taurus*) de 282 dias (Paschal et al., 1991), sendo consideradas normais para a espécie bovina gestações entre 275 e 305 dias. Sendo assim, a data do parto não é um parâmetro confiável para estimar ou atribuir resultados à IATF.

Por fim, pode-se concluir que o diagnóstico precoce de prenhez é uma importante ferramenta de manejo nos rodeios de cria e que pode e deve ser utilizada “muito além” do simples diagnóstico de “prenhe ou falhada”.

#### Bibliografia Consultada:

Paschal JC, Sanders JO, Kerr JL. Calving and weaning characteristics of Angus-, Gray Brahman-, Gir- Indu-Brazil-, Nellore-, and Red Brahman-sired F1 calves. *J. Anim. Sci.*, v.69, p.2395-2402, 1991.

<b>MEDICAMENTOS</b>	<b>Unidade</b>	<b>Preço (R\$)</b>
Antibiótico – Oxitetraciclina	ml	0,16
Antibiótico - Benzilpenecilinas (Pencivet)	ml	0,57
Carrapaticida pour-on (Acatak)	L	72
Carrapaticida imersão/aspersão (Colosso)	L	90
Carrapaticida imersão/aspersão (Colosso FC30)	L	129
Vermífugo Albendazole 15% (injetável)	ml	0,11
Vermífugo Albendazole (Oral)	ml	0,02
Vermífugo Doramectina (injetável)	ml	0,30
Pamoato de Pirantel – Equinos + ivermectina	Seringa (pasta)	0,25
Vermífugo Febendazole	Seringa (pasta)	-
Vermífugo Closantel	ml	0,068
Vermífugo Levamizole (Injetável)	ml	0,072
Vermífugo Levamizole (Oral)	ml	0,046
Vermífugo Oxifendazole	ml	-
Ivermectina 1%	ml	0,07
Ivermectina 3,15%	ml	0,31
Diclofenaco sódico	ml	0,40
Antidiarréico	ml	0,54
Soro Glicosado	L	0,04
Soro Antitetânico	Dose	9,5
Mata-Bicheira Spray Prata 500 ml – Ectoparasitário	Frasco	16,5
Mata-Bicheira Líquido - Ectoparasitário	Frasco	6,90

## **VACINAS**

	<b>Unidade</b>	<b>Preço (R\$)</b>
<b>Brucelose</b>	Dose	1,49
<b>Clostridioses</b>	Dose	0,68
<b>Febre Aftosa</b>	Dose	1,50
<b>Leptospirose</b>	Dose	0,84
<b>Raiva Bovina/Equina</b>	Dose	-
<b>IBR/BVD</b>	Dose	4,05
<b>Carbúnculo Hemático</b>	Dose	1,15
<b>Encefalomielite Equina, Tétano e Influenza Equina</b>	Dose	9,7
<b>Foot Rot</b>	Dose	1,70
<b>Tétano</b>	Dose	-

Coleta de preços realizada no dia 24 de março de 2016.  
Média de preços dos estabelecimentos comerciais agropecuários  
no município de Uruguaiana – RS.



## **Benchmarking na bovinocultura de corte – Parte 1**

Prof. Ricardo Pedroso Oaigen<sup>1</sup>, Maria Antonyela Carvalho<sup>2</sup> e Mikaela Arevalo Bandeira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Curso de Medicina Veterinária, Centro de Tecnologia em Pecuária – CTPEC, UNIPAMPA/Uruguaiana-RS, rpoaigen@gmail.com

<sup>2</sup>Acadêmica de mestrado, PPG Ciência Animal, UNIPAMPA/Uruguaiana-RS.

Um dos grandes desafios na bovinocultura de corte é a busca por uma maior eficiência e rentabilidade dos sistemas produtivos. Neste sentido a definição e padronização dos indicadores zootécnicos e financeiros a serem mensurados e analisados em um sistema de produção torna-se fundamental para identificar possíveis processos ineficientes, que poderiam ser otimizados. Para ilustrar essa situação pensem em um rebanho de cria com uma baixa taxa de desmame, as causas poderiam ser: estratégia nutricional deficiente, problemas sanitários, manejo incorreto do rebanho, entre outras, ou seja, uma métrica perfeitamente mensurada permite uma eficaz tomada de decisão, saindo do famoso “achismo” que infelizmente ainda vemos nas atividades pecuárias.

Para auxiliar o empresário rural a tomar decisões precisas e diagnosticar “gargalos” produtivos, tem se iniciado na pecuária brasileira o uso do *benchmarking*, que pode ser definido como um processo contínuo e sistemático que permite a comparação do desempenho entre organizações ou mesmo propriedades rurais. É uma ferramenta para o auxílio em nível estratégico e operacional das organizações. Em nível estratégico auxilia a estabelecer padrões de desempenho. Em nível operacional auxilia a entender os melhores métodos e práticas para atingir as metas e objetivos propostos. O *benchmarking* utiliza processos, métodos e aplicações práticas e de melhoria contínua na busca de melhor desempenho, que é medido através de indicadores (Figura 1).

Por definição um *benchmark* é um valor ou ponto de referência para uma determinada medida, ou seja, são indicadores de desempenho sobre uma determinada base ou parâmetro de comparação, por exemplo: a taxa de mortalidade é uma consequência do planejamento sanitário do rebanho, medidas profiláticas, manejo específicos, etc. Através desta análise é possível identificar áreas que necessitam de melhorias, definir novos objetivos, redesenhar o

planejamento, conhecer o resultado de outras propriedades rurais, isto é, comparar o desempenho de sua propriedade com os melhores do ramo ou valores consensuais no setor.

O *benchmarking* poderá ser interno ou externo. No primeiro caso a procura pelas melhores práticas ocorre dentro da própria organização ou propriedade. No segundo caso, informações obtidas em outras propriedades que usam sistemas de produção e práticas de manejo similares, serão utilizadas. No entanto muitas empresas ou propriedades rurais, não possuem, negam ou distorcem os dados, pois diagnósticos podem revelar fragilidades e a percepção de ameaças aos próprios interesses. As mudanças decorrentes poderão resultar em modificações na nova estrutura organizacional, sendo importante que os colaboradores sejam integrados ao processo. O *benchmarking* auxilia o processo gerencial, pois tende a estimular e facilitar mudanças organizacionais e a busca da excelência através de um processo contínuo de aprendizagem, sempre almejando resultados superiores a média. A busca por resultados superiores serve como estímulo para atingir a excelência e incrementar os esforços para atingir resultados que outros já demonstraram ser factíveis, ou mesmo atingir resultados melhores que os anteriormente relatados ou tidos como referencial.

Um exemplo da aplicação desta ferramenta está ocorrendo na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul desde dezembro/2015 com a criação do GTPA (Grupo de Trabalho Pecuária do Amanhã). Neste grupo 12 propriedades rurais especializadas em bovinocultura de corte, com coordenação técnica do CTPEC, se reúnem mensalmente para trocar experiências, apresentar seus sistemas produtivos, discutir seus anseios técnicos e gerenciais e, sobretudo criar um *benchmarking* regional com indicadores devidamente padronizados, que sirvam de referência para o próprio grupo, para a região e como um modelo a ser replicado em outras regiões.

INDICADORES  
ZOTÉCNICOS

- Taxa de prenhez, natalidade e desmame
- Taxa de mortalidade
- Taxa de abortos
- Carga animal
- Produção de carne/hectare
- Taxa de desfrute
- Ganho de peso

INDICADORES  
FINANCEIROS

- Custo desembolsado, operacional e total
- Margem bruta, operacional e líquida
- Rentabilidade
- Lucratividade
- Valor médio da venda
- % folha RH sobre o faturamento

### REFERÊNCIAS:

- EXAGRO. Excelência em Agronegócio. Site: [www.exagro.com.br](http://www.exagro.com.br)
- INTTEGRA. Instituto Terra de Métricas Agropecuárias. Site: [www.inttegra.com](http://www.inttegra.com)
- Oaigen, R.P. et al. GESTÃO NA BOVINOCULTURA DE CORTE. 176p. 2014.